

As Duas Análises de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos – o pequeno Hans: a psicanálise da criança ontem e hoje

Resenha | GUTFREIND, Celso. **As Duas Análises de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos – o pequeno Hans: a psicanálise da criança ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. (Coleção Para Ler Freud).

Ana Rosa Chait Trachtenberg

Membro Titular e Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

A original proposta deste livro já se faz presente no próprio título, ‘As duas análises de uma fobia em um menino de cinco anos – o pequeno Hans’, sendo este o personagem principal do clássico historial clínico de Freud: o pequeno Hans.

Anunciam-se, portanto, duas análises.

Na primeira parte, ou na primeira das duas análises, Celso Gutfreind, o autor, misto de psicanalista e poeta, convida-nos a examinar o famoso pequeno Hans de Freud, revisando, à luz de rica e variada gama de autores pós-freudianos, cada segmento do texto original. O livro está tecido e entremeado pela presença de poetas e poesias, o que nos permite uma leitura ainda mais agradável.

Na segunda parte, ou segunda análise, encontramos um texto literário, ficcional, quando algum pequeno Hans dos dias de hoje vai ao “divã”. Acompanhamos um texto literário que se apresenta quase como uma crônica, recheado de bom humor e bons motivos para a reflexão psicanalítica. Cruzamo-nos, então, com Hans Muller, um menino de cinco anos

do interior do Rio Grande do Sul com muitos medos, todos condizentes com o meio no qual ele vive. Seu pai, atento, leva-o à cidade grande e lá consultam com o “Dr. Sigismundo” e, logo, com a “Dra. Melania”, também especialista “dos nervos”, vinda dos lados de Lageado, interior do Rio Grande do Sul. Seguem-se consultas com a “Dra. Anna”, para logo chegar no Dr. Antonio, mais conhecido como “Tonho Ferro”.

Finalmente, a família decide acudir para a impagável “Dra. Rita Aline”, que prescreve pílulas milagrosas. Com o passar do tempo, entram em cena os pais de Hans Muller, já que “não existe piá sozinho!”, e assim vamos acompanhando essa deliciosa análise/história cujo personagem vira músico e termina tocando viola para “além de seu pelego”.

Voltando agora à primeira parte do livro, em que estão os comentários do original e clássico texto de Freud, Gutfreind destaca o aspecto saudável do menino, visto nos dias de hoje, graças à sua capacidade de brincar. O tema da curiosidade e sua interface com a sexualidade infantil e a busca do conhecimento também aparecem destacados, com especial realce para o brinquedo, exposto na visão atual sobre a importância do mesmo e da presença ou ausência da capacidade lúdica nas crianças (e também nos adultos). Diz Gutfreind: “[...] sem precursores para lhe dar alguma pista, conseguiu expressar o que hoje é fundamental: crianças precisam sonhar, brincar e desenhar para elaborar seus conflitos” (p. 38).

Freud teria atuado como um verdadeiro supervisor do pai de Hans, que seria o real analista do pequeno. Analista e cuidador, diz Gutfreind, que, com esta afirmação, coloca-nos na esteira dos estudos recentes a respeito da parentalidade e insere Freud entre os precursores na valorização dos cuidadores de uma criança.

Por outro lado, nosso autor destaca o caráter de flexibilidade de Sigmund Freud, pois, através da fina, atenta e não preconceituosa atitude, não atada às suas teorias anteriores, realiza uma sensível observação dos fenômenos descritos pelo pai de Hans. Freud reúne elementos para apoiar, *a posteriori*, as bases teóricas da existência da sexualidade infantil.

Neste segmento do livro, referente à análise e à discussão do caso, podemos acompanhar Celso Gutfreind, que nos traz, cuidadosamente, passagens do clássico freudiano, enquanto o utiliza para construir um rico

tecido de reflexões próprias, apoiado novamente em autores pós-freudianos, com especial destaque para a riqueza seminal desse texto do início do século XX. Assim, temos, como exemplo: “Ao oferecer a psicanálise para uma criança – no caso, Hans –, Freud foi precursor. [...] A tônica hoje está na possibilidade de representar os conflitos a partir do encontro, da brincadeira. [...] Dizer a Hans que desejar a morte do pai não é o mesmo que matá-lo. Pensar assim é mais do que meio caminho andado para o bem-estar psíquico” (p. 67).

Outra discussão que o autor propõe refere-se à acusação feita a Freud sobre uma possível degeneração familiar da qual Hans estaria sofrendo, sendo uma época em que não era possível apreciar a importância da interação precoce mãe-bebê, do fator ambiental, da questão transgeracional, da caça aos fantasmas e dos afetos clandestinos, etc. Tudo germina *a posteriori*, graças ao plantio freudiano, particularmente aquele feito por Freud, o pequeno Hans e seu perspicaz pai.

Ao longo do livro, Gutfreind nos promove encontros, como já foi dito, com autores e poetas. À guisa de exemplo, vemos que, logo no início podemos apreciar um interessante encontro de Bion com Freud, a propósito da “capacidade negativa” deste último, pois segundo o autor, ele demonstrou, ao analisar Hans, ter podido esperar e observar em lugar de precipitar interpretações.

Igualmente Gutfreind descortina algumas sutilezas no texto original, evidenciando, por exemplo, a satisfação de Freud pela oportunidade de realizar uma intervenção no começo de um processo patológico. Diz Gutfreind (p. 45): “Quanto a Freud, estava contente em poder intervir no começo do processo. Ali intuiu o que hoje valorizamos ainda mais, embora tenhamos as mesmas dificuldades de há cem anos: quanto mais cedo interviermos, melhor para o restabelecimento [...]”.

Em outro momento, o autor nos chama a atenção para o nascimento de um sofrimento psíquico a partir de uma relação, pois Freud entende que a ansiedade de Hans está derivada de um apego excessivo (e erótico) deste com sua mãe. O autor traz também a mãe de Hans para o cenário de seus comentários, quando diz que a mesma, ao invés de acolher as angústias (sexuais) do filho, ameaçou cortar o *pipi*. Gutfreind diz, com

Freud, que ali Hans começou a perder a liberdade, abrindo caminho para a sua neurose.

Em outra passagem, com o suporte clínico de Arminda Aberastury, destaca aquilo que Freud não ressaltou: uma cirurgia de amígdalas em Hans desencadeou uma piora dos sintomas, pois a mesma atuou aumentando suas fantasias de castração.

No presente livro, Gutfreind nos convida a viajar constantemente entre passado e presente, entre psicanalistas e poetas, traçando várias homenagens, ao longo do texto, com caráter libertário e revolucionário da psicanálise e de seu fundador.

O autor nos remete, esperançosamente, ao século XXI, e diz que a “[...] curiosidade sexual das crianças está presente em qualquer menino ou menina que pode pensar em paz” (p. 33). Também aqui o livro se faz atual ao comentar uma obra centenária.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Ana Rosa Chait Trachtenberg
Rua Mostardeiro, 05/806
90430-001 Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: anarosact@terra.com.br